

JOSÉ SEBASTIÃO WITTER

Resgate fascinante



*Uma Arqueologia
da Memória Social –
Autobiografia de um
Moleque de Fábrica,*
de José de Souza
Martins, São Paulo,
Ateliê, 2011, 464 p.

**JOSÉ SEBASTIÃO
WITTER** é professor
emérito do
Departamento
de História da
FFLCH-USP.

“

A

memória é memória como documento das estruturas básicas de modos de viver; de modos de pensar e de modos de organizar imaginariamente o vivido, as referências que nem sempre aparecem por inteiro naquilo que é lembrado, mas estão lá. Memória é, de fato, o conjunto social e sociologicamente situado das lembranças, reconectadas pelo desvendamento das ocultações próprias da sociedade contemporânea. Abrange, portanto, o que não é lembrado, na medida em que o esquecimento é um esquecimento seletivo e organizado que deixa seus indícios no que é seletivamente lembrado. Mais do que no esquecimento, naquele tempo, e talvez ainda hoje, o proibido se refugiava no silêncio” (José de Souza Martins).

Antes de tudo, é preciso assinalar que essa obra do professor José de Souza Martins resgata, com muita propriedade, momentos inesquecíveis e especiais de cada uma das crianças que já fomos. E, ainda mais, se formos descendentes de imigrantes e se enfrentamos a pobreza, como tantos de nós...

Embora não esteja balizada e nem assinale datas de início e fim, nesse livro encontraremos, nas idas e vindas do tempo, uma recuperação da nossa história desde os idos de 1940, ainda no dinâmico século XX. Recuperação essa que nos traz – porque Martins é mestre na narrativa –, até hoje, aquele mundo, neste, ainda incógnito, século XXI.

Quem já fez a primeira leitura dessa “arqueologia” o fez de uma só vez ou em poucos dias. A escrita do autor prende e encanta, desde os mínimos detalhes até o tratamento sociológico de todos os pormenores, nos fazendo enveredar, com ele, pelos caminhos da roça, pelas ruas estreitas da cidade e pelos confins da fábrica. Mas, depois de outras leituras do conjunto ou de partes de capítulos que tocam cada um de forma diferente e peculiar, então, pode-se ver realçar o conhecimento profundo de sua constante busca pelo aprender e o descobrimento do quanto lembranças de nossas vidas podem fazer do particular o coletivo e do restrito, o amplo e abrangente.

Quando José de Souza Martins foi, em 1976, buscar suas mais longínquas e remotas origens, não esperava descobrir tanto da história do próprio mundo e do significativo viver de imigrantes, como o foram seus familiares. E ele tinha ascendentes espanhóis e portugueses. Mas, se sabia um pouco mais dos espanhóis, por tudo que sua mãe dissera e narrara, pouco ou quase nada conhecia da história paterna e de seus ascendentes portugueses. E, como ele mesmo diz, aquilo que pensou ser o fim de uma busca acabou por se transformar em início de uma longa pesquisa. Afinal, ele ficara órfão de pai aos 5 anos de idade e, depois disso, vivera ao lado da mãe, de um irmão menor e, posteriormente, de um padrasto, uma parte significativa e marcante de sua vida. Mas sempre repleta de indagações, que começam a ser respondidas na Inglaterra.

E, para que se possa acompanhar toda a trama da vida das famílias emigradas, através dessa família, a dos Martins, um dos episódios mais significativos é o que ele descreve no capítulo “Encontro na Estação Victoria”, em Londres, ponto de encontro entre o professor e seu primo Amalio, “numa manhã de domingo, em agosto de 1973”, portanto, três anos antes da viagem a Portugal. Como diz o autor sobre o momento, ele

“[...] abriu para mim uma página desconhecida e inesperada da história de minha família materna. Era a página dos silêncios

e rupturas decorrentes da emigração para o Brasil, para a lonjura dos cafezais, em endereço tão vago que só por milagre uma carta chegava ao destino” (p. 59).

Esse reencontro teve muito significado para os dois, mas, como relembra o professor,

“Amalio convidou-me para um café antes de tomarmos o ônibus para sua casa. Estávamos muito emocionados com o encontro e surpresos com a recíproca descoberta de que existíamos. À medida que caminhávamos descobrimos que não tínhamos o que conversar. Nós não nos conhecíamos. Éramos apenas parentes separados por sessenta anos de distância, pelo oceano e por muitas interrogações. Íamos tateando, indagando. A conversa, enfim, chegou ao ponto: o que estávamos fazendo ali? O pranto, por que o pranto? Eu abraçara nele e ele em mim, três gerações depois, os laços da família que a pobreza e a emigração dividira para sempre [...]” (p. 64).

Essa mesma estranheza de 1973 Martins viveria em 1976, quando ouviu de Elo, que era neta de Catalina, irmã mais moça de sua avó: “Y que nos toca este?”. Explica o mestre: “Mais ou menos isto: ‘o que é que temos a ver com esse aí?’. E acrescenta Martins: “Curioso mapa da vida o mapa da família...”. É tão empolgante tudo o que se segue que a vontade é de copiar e copiar os trechos que me tocaram profundamente; talvez porque também eu seja filho e neto de imigrantes, só que de origens alemã e italiana... Mas com as mesmas interrogações e muito mais silêncios, com certeza.

Mas como não poderia transpor para o espaço desta resenha as 464 páginas do livro do professor Martins, procuro, com estes retalhos, criar nos que não o leram a curiosidade necessária para começar. Compreenderão muito do nosso Brasil... E muito mais do que significa o viver familiar.

Retornemos às incógnitas do menino que vivera no Arriá, ou Pinhalzinho, na região bragantina, em São Paulo, e voltemos àquilo que ele viveria em São Caetano, em Guaia-

nases e, de novo, na cidade e na fábrica.

O padraço acabaria por levar a família de volta a viver na zona rural, de onde saíram, vindos da região de Bragança Paulista, para São Caetano. Agora iam para Guaianases, onde Martins conheceria as dificuldades dos “meninos da roça” que querem estudar. Mas, se a vida da família não foi fácil, durante essa experiência, mais desconcertante se tornou quando voltaram ao mundo urbano. Entretanto, acompanhar as peripécias do professor, quando menino, nas suas idas e vindas para a escola primária, e as surpresas vividas nesses percursos, além das dificuldades para superar o dia a dia da moradia precária, em Guaianases, fará o leitor entender melhor o que era a vida das pessoas em nossa sociedade nos anos 1940. Não se pode nunca perder de vista que o Brasil viveu a distância, mas viveu tempos difíceis, quando da Segunda Guerra Mundial, que terminaria em 1945, e no período do pós-guerra, em nada mais fácil.

A volta da família a São Caetano e tudo que o moleque José precisou aprender a fazer para ajudar todos a sobreviver é outro episódio que vai encantar o leitor. O autor, quando menino e mesmo adolescente, fez de tudo um pouco. Com isso cresceu e muito – internamente.

Entretanto, considero que “o viver a fábrica e seus desafios” foi o que ocorreu de melhor para preparar o jovem a trilhar o futuro brilhante que é sua marca, desde os tempos de estudante até hoje...

Em São Caetano ele passou por algumas experiências em empregos diferentes até chegar à Cerâmica São Caetano, por intermédio do padraço, em outubro de 1953. Nesse momento, o professor trabalhava com um guarda-livros, que nem o registrou como deveria, apesar de já ter a carteira fazia um ano, desde outubro de 1952, quando completou 14 anos, o que era natural na vida de meninos e filhos de trabalhadores naqueles tempos.

Emprego arranjado, lá se foi o nosso moleque trabalhar no “Escritório do Dr. Renato”, como era conhecido o escritório do engenheiro e diretor da Divisão de Tercota, como nos conta Martins.

A partir daí, a sua vivência na fábrica, “[...] onde passaria os anos decisivos de minha adolescência. Um emprego de verdade. De fato, o sonho dos adolescentes e seus pais. [...] Era o que os trabalhadores chamavam de ‘emprego de futuro’. Em vez do vínculo formal e expressamente contratual se propor ao operário como um direito, propunha-se como um privilégio. Era esse um dos fortes ingredientes da alienação política da classe operária dos bairros industriais de São Paulo e da região fabril do ABC. O privilégio criava, como eu mesmo vi, testemunhei e experimentei, uma classe operária conformista, orientada predominantemente por valores religiosos, comunitários e de família. O mundo do trabalho era prudentemente assim. Nossos pais nos ensinavam que o futuro significava ter os pés firmemente no chão do presente, ainda que descalços” (p. 290).

Mas José de Souza Martins é realmente mágico nesse belo livro. Como ninguém, ele vai mesclando o seu viver, como garoto trabalhador, e todos os mistérios da fábrica com o mundo dos moleques de rua, num capítulo muito delicioso, no qual podemos recordar das brincadeiras de roda, de pegador, de bolinhas de gude, além do “jogo de bola”. Os brinquedos adquiridos em lojas eram raros – bicicleta então, nem pensar! – mas todos os meninos e meninas de sua rua sabiam criar condições para se divertir. O outro encantamento dos moleques era o time de futebol, o Corinthinha, como era conhecido o time de sua preferência. Era pelo próprio terreno do time que eles encurtavam caminhos. Raramente alguém conseguia ter um brinquedo de cordas.

Também é muito interessante o seu capítulo sobre a religião e a fé e as novas igrejas que se organizavam na cidade. E ainda a sua caminhada pelos meandros dos cursos que sua mãe insistia que frequentasse. Ela não o acreditava como um operário de carreira, até por sua compleição física. Diferente da situação de seu irmão mais novo, matriculado em regime de tempo integral na Escola Técnica Getúlio Vargas, no bairro

do Brás, que, depois de cursar os diferentes graus de ensino, acabou ingressando no curso superior noturno de administração de empresas. “Tornou-se um profissional competente, bem remunerado, prosperou na vida, exclusivamente às custas de seu trabalho”, salienta Martins.

Já sobre si mesmo, diz:

“O modo como ela administrou suas dúvidas a respeito do meu futuro, naquele começo dos anos 50, é uma boa indicação de como as profissões estavam basicamente definidas como profissões ou de homem ou de mulher. Qualquer desvio de interesse em direção ao trabalho intelectual ou formas intelectualizadas de trabalho era como se fosse um desvio sexual. Por sim ou por não, colocou-me numa escola de datilografia. Era uma escola que usava máquinas de escrever Remington muito antiquadas e cujo livro de método era o da própria Remington, escrito em português anterior à reforma ortográfica do Estado Novo” (p. 284).

Entretanto, a mãe de Martins não desistiu de fazê-lo cursar, além da datilografia, taquigrafia Pitman (que era um dos métodos) e inglês, que ele acabou fazendo num curso noturno do bairro dos Campos Elíseos, porque não poderia deixar de trabalhar. É saboroso acompanhar essa experiência do menino, bem como a tentativa feita, também pela mãe, para que ele fosse para um seminário e se formasse padre. Gostou demais de tudo que viu no seminário, porém a ideia não vingou porque o seminário era ligado aos padres camilianos, que eram dedicados aos doentes: “Acontece que eu tenho pavor a sangue. Certa vez desmaiei ao ver um filme documentário sobre a operação de um fumante canceroso. Quando o bisturi fez o corte e o sangue brotou, uma vertigem me derrubou” (p. 283).

Acabou professor primário, como eu, formado no Instituto de Educação Américo Brasiliense, onde fez o Curso Normal. E ressalto dois episódios por ele contados que parecem reprodução de minha infância/adolescência. Lembrando de sua vida nas

igrejas, a memória reaviva a beleza dos corais. Então nos conta que:

“O coro cantava lá na frente, à vista de todos, em destaque, não raro com beca ou uniforme. Eram os escolhidos de Deus e, principalmente, do regente, pelo dom da voz, alguns raramente escondendo a vaidade da escolha e da exibição. Foi lá [na Igreja protestante] que ouvi críticas dos amigos de minha idade à minha voz pequena e ruim, com explícitas insinuações de que era melhor que eu ficasse de boca fechada. Coisa de adolescentes [...] Fui parcialmente salvo, quanto à voz, quando fiz o curso normal” (pp. 319-20).

Essas lembranças do coral e da Escola Normal fazem parte de um outro capítulo delicioso, “A Pulga e a Fé”, repleto de passagens que dizem tudo da vida dos moleques de então, não importa se num subúrbio, como Martins em São Caetano, ou como tantos outros Josés em cidades do interior de São Paulo, do Rio Grande do Sul ou do Nordeste. São muitos os detalhes vividos por ele e que correspondem aos vividos pela meninada da época... Um mundo de medo e de ingenuidade e de muito respeito aos mais velhos e representantes das diferentes religiões. A cada nova leitura de algumas dessas peripécias de rua ou de instituições, é revelado um Brasil que vivia uma época de efervescência e encantamento, repleto de valores outros que o mundo atual desconhece.

Transcrevo mais alguns trechos de minha leitura por razões diversas e distintas, mas especialmente porque dizem muito e não se pode traduzi-los sem que se traia o autor:

“Foi sem dúvida a cultura protestante que me ajudou a juntar fragmentos da cultura erudita que se dispersam, sem nexos, na cultura operária e popular. Passei a ler poesia, como aconteceu com outros adolescentes da igreja que eu frequentava, e a comprar livros de poesia pelo reembolso postal, pois em São Caetano não havia livraria: Castro Alves, Casemiro de Abreu, Gonçalves Dias.

Em casa, peguei um caixote velho, que fora usado para misturar cimento, descasquei-o, limpei-o, pintei-o e o transformei na minha primeira estante” (p. 340).

E, em seguida:

“Passei a ler jornais: no sábado *A Gazeta*, nesse dia um jornal de artigos longos, quase sempre de história de São Paulo, pela qual eu tinha muito interesse, desde a visita ao Museu do Ipiranga, quando estava na escola primária [...]. Tornei-me ouvinte da Rádio Gazeta, pois finalmente tínhamos um rádio-vitrola em casa. [...] Eu não perdia ‘A Hora do Livro’, do professor Fernando Soares e do poeta Paulo Bonfim, que sempre recitava uma de suas belas poesias [...]” (p. 340).

E por aí vai o mestre nos trazendo recordações do vivido e do encanto que tudo representava. Imagine a rádio-vitrola, os programas de música erudita e os grandes cantores e cantoras que preenchiam nossas mentes e nos vaziam sonhar.

Permitam-me mais uma cópia das palavras do autor, que tanto me tocaram e que demonstram um pouco mais do seu muito saber e de tudo que nos ensina em seus sempre oportunos escritos, tanto em livros quanto em artigos:

“Da Biblioteca Municipal tornei-me frequentador nos sábados, depois de sair da fábrica ao meio-dia. A Biblioteca funcionava até às dez horas da noite e raramente dela saía antes dessa hora. Aprendi a lidar com seu fichário, a descobrir as preciosidades que continha, a fazer incursões bibliográficas por conta própria. Tornei-me um autodidata. [...] Dei-me conta de que teria que ir ao Departamento do Arquivo do Estado e ao Arquivo Histórico Municipal, onde estava a documentação inédita. Consegui convencer meu chefe na fábrica a me dar um sábado por mês, para que eu fosse ao Arquivo do Estado que, na época, como a fábrica, funcionava nos sábados até o meio-dia. Américo Mendes, diretor, e Nélcio Garcia Migliorini, paleógrafo, espantados com a novidade de um adolescente no meio

dos poucos velhos que frequentavam o Arquivo, como Antonio Paulino de Almeida e Washington Luís, me ensinaram como se lia um documento antigo, me mostraram o imenso acervo e me disseram como estava organizado[...]” (p. 342).

Não é fascinante?

Também são muito belos os capítulos que tratam de “Os Mistérios da Fábrica”, “Na Última Manhã de Getúlio”, “A Greve”, “A Saída do Labirinto” e também a “Conclusão: A Biografia na Experiência da Memória”.

Pois bem, esse é o presente que o nosso grande sociólogo e professor emérito da USP nos dá em 2011. Um livro que mostra o quanto é possível quando se quer.

Para ir encerrando estes pequenos e superficiais comentários quero ainda salientar a importância do resgate das imagens, tanto de pessoas como de lugares e ambientes, que ajudaram a construir a narrativa, que

prende o leitor e o faz melhor entender a vida que trilhamos juntos nestes surpreendentes séculos XX e XXI. Mas não poderia encerrar sem mais esta transcrição:

“Esta é a história da gestação social da pessoa comum, de suas discrepâncias em relação a tipos e modelos de natureza analítica. É o que faz destas memórias um testemunho documental e uma narrativa crítica sobre a alienação do operário do subúrbio no pós-guerra, o operário da Era Vargas. Aquela foi uma era em que os limites se tornaram imprecisos. Criança e adulto se confundiam nas necessidades de sobrevivência. Ser propriamente criança era raro e era um luxo. Na família operária a criança vivia e testemunhava desde cedo as vicissitudes da vida adulta. É esta, pois, uma etnografia do mundo operário com base no arquivo das impressões da criança e do adolescente, que ficaram residualmente nas lembranças do adulto” (p. 462).

Tia Sebastiana e tio Brás

Fotos: Arquivo José de Souza Martins



**Maria de Jesus
de Souza
Martins com
seu filho, pai do
autor, em foto
de 1912**



**Tia Maria, em
seu sítio no
Pinhalzinho**



**Hospedaria
dos Imigrantes,
no bairro do
Brás, 1913**



**Martins e seu
irmão em 1944;
acima, cadeira
que pertenceu à
tia Sebastiana**

